

WIKIMEDIA:**integração de texto e imagem no ensino de Jornalismo¹**

Copyright © 2011
SBPJor / Sociedade
Brasileira de Pesquisa
em Jornalismo

MAYRA RODRIGUES GOMES

Universidade de São Paulo

ROSANA DE LIMA SOARES

Universidade de São Paulo

RESUMO Este artigo tem como objetivo apresentar o desenvolvimento de um projeto pedagógico elaborado para propiciar conectividade e estimular a criatividade na busca por linguagens inovadoras para o jornalismo contemporâneo. Partindo do pressuposto de que os dois aspectos estão relacionados e representam condição essencial para a liberdade de expressão, entendemos a importância da experimentação para a aquisição de conhecimento, consolidação e engajamento em processos de aprendizagem. Além disso, a interação entre alunos de jornalismo, e destes com as mídias, é uma das formas de reconhecer as práticas sociais e construir um espaço de aprendizado intelectual a partir delas. De acordo com essa visão, os objetivos de abertura a diferentes formas expressivas, combinação de teoria e prática, e produção e análise de discursos nas mídias podem ser contemplados por meio das tecnologias digitais. Estas propiciam ferramentas para a convergência e integração de diferentes mídias, reunindo imagem, som e texto em forma hipermediática. Desse modo, desenvolvemos *sites* de escrita colaborativa utilizando a plataforma *wiki*, apresentados neste artigo a fim de possibilitar uma reflexão sobre os atuais desafios do jornalismo *on-line* na confluência de imagens e textos presente em suas produções.

Palavras-Chave: : Jornalismo. Imagem. Conectividade. Hipermissão. Ensino de Jornalismo.

INTRODUÇÃO**Desafios ao ensino de jornalismo**

As últimas décadas colocaram vários desafios aos que se dedicam ao magistério em diversos níveis. Parece-nos que todos eles constituíam, em essência, apelos à maior conectividade com saberes e práticas correntes, com a comunidade como um todo, com as produções e recursos midiáticos, especialmente imagéticos. Neste artigo pretendemos relatar alguns desses desafios, e como eles se mostram àqueles voltados ao ensino de jornalismo, assim como as respostas que procuramos lhes dar, com seus correspondentes resultados.

As teorias da linguagem, configuradas numa série de três disciplinas em curso para formação em Jornalismo, são o lócus para nossa análise. Nas aulas, damos ênfase ao conceito de texto e discurso e ao papel dos diferentes suportes para construção de texto e significação, assim como dos discursos instituintes, ou a cultura em que vivemos, enquanto discursos circulantes apropriados pela mídia em geral, destacando especialmente seu caráter sincrético em relação às formas verbais e visuais nelas entrelaçadas. No contexto deste trabalho, o primeiro desafio é constante, ou seja, como conciliar disciplinas de caráter teórico com práticas efetivas num curso prioritariamente voltado para estas últimas. Como conectar teoria e prática, já que a teoria não passa pela produção jornalística a não ser nos cadernos especiais de cultura? Respondíamos a isso, desde o início, com a inserção, em meio a aulas teóricas, de textos e imagens em circulação nas mídias com o objetivo de voltar-lhes um olhar crítico, submetendo-as a análises orientadas pela aplicação do campo conceitual com que trabalhamos.

Ao lado desse desafio caminhava outro, a ele vinculado e delineado a partir de ideais de formação, correspondente à maior liberdade possível de expressão. Liberdade de expressão é tomada sob o viés específico de acesso a meios diversificados, portanto, como contraponto às observações de pensadores como Louis Hjelmslev e Marshall McLuhan. Estes, respeitadas suas diferenças, apontaram o papel determinante das formas e dos meios de expressão no direcionamento das mensagens, a rigor, nos contornos de seu conteúdo ou, até mesmo, de sua natureza. Nossa resposta a essas contrições sempre foi dada em termos de uma aposta calcada na possibilidade de escolha da mídia de suporte para os trabalhos realizados ao longo do curso, que poderiam ser montados em texto, em vídeo, em formato digital etc. Notamos, nos últimos anos, grande ênfase para o desenvolvimento de trabalhos organizados a partir de imagens e suas relações com o texto escrito.

Naturalmente, o engendramento das transmídias acompanha esse processo, no sentido de uma produção que se faz no cruzamento de mídias como resultado da contribuição de diferentes tipos de suportes – fato já corrente, por exemplo, no cinema –, e no sentido de uma produção gerando outras, resultado da adaptação/transformação do original para outros suportes midiáticos – como a publicidade e o mercado frequentemente o fazem. Podemos afirmar que temos sido os espectadores da emergência de uma inteligência coletiva, com a quantidade de informação oferecida na *web* (como já havia sido proposto por Pierre Lévy), da convergência das mídias e do engendramento de

uma cultura participativa (no sentido explorado por Henry Jenkins).

Para Jenkins,

no mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida, e todo consumidor é cortejado através de múltiplas plataformas de mídias. Essa circulação de conteúdo de mídias – através de diferentes sistemas, desafiando a economia das mídias e as fronteiras nacionais – depende fortemente da ativa participação dos consumidores. Nesse ponto argumentarei contra a ideia de que convergência deve ser entendida primariamente como um processo tecnológico que aproxima múltiplas funções das mídias dentro das mesmas estratégias. Ao contrário, convergência representa um deslocamento cultural, uma vez que consumidores são encorajados a procurar novas informações e a fazer conexões entre conteúdos dispersos nas media. Convergência é relacionada ao trabalhar – e ao brincar – que os espectadores realizam no novo sistema de mídias (JENKINS, 2008, p. 27).

Estas condições implicam conectividade e, no limite, embora Jenkins os coloque em segundo lugar, foram justamente os meios tecnológicos que determinaram a possibilidade do papel criativo dos espectadores.

Num momento seguinte, as novas tecnologias vieram como resposta ao propósito de conectividade com diferentes mídias, ao disponibilizarem e facilitarem a construção de *sites* onde podiam ser agregados conceitos, etapas de trabalho, textos básicos, imagens, enfim, vários recursos para o desenvolvimento de estudos e análises. Contudo, um segundo desafio agregou-se ao já existente, porém, sua resposta representou também um tipo de resposta ao primeiro. Tratava-se do advento das mídias digitais que, enquanto forneciam espaço que abrigava a diversidade de formas, acima relacionadas, passaram, num crescendo, a disponibilizar instrumentos de conectividade que promoviam a facilitação do trabalho colaborativo e o surgimento das redes sociais digitais, com forte acento nas produções jornalísticas. Agora, a necessidade de conexão entre teoria e prática compunha-se com a necessidade de conexão entre aqueles que seriam os futuros jornalistas, simplesmente porque essa conexão já era prática corrente em suas experiências de vida e em ambientes de trabalho nas empresas, a partir de *softwares* disponíveis e adaptáveis aos tipos de atividades requisitadas.

O trabalho colaborativo estava em nosso horizonte de expectativas, como conectividade entre os alunos. Contudo, outra forma de conectividade possível surgia a partir das mídias digitais, que nos guiavam em certa direção: a rede expandida, com uma incrível quantidade de informação, produções verbais, imagéticas, acústicas, jornalismo *online*, vídeos etc. Por um lado, entendemos a importância da criatividade na aquisição, fixação e desenvolvimento do aprendizado. Por outro,

entendemos que a conectividade entre alunos é troca enriquecedora, e que a conectividade entre alunos e mídias, como acesso ao que se dá a ver nas práticas do mundo, é fundamental para a construção de conhecimento. Em relação ao nosso intento de combinar teoria e prática, reflexão e produção, conectividade aos produtos em circulação, conectividade entre alunos, e entre alunos e as inúmeras articulações da rede, encontramos nas redes digitais o ponto de resolução.

Assim, almejando abertura nas formas de expressão e conectividade necessária para sustentar a criatividade, as tecnologias digitais vieram como resposta adequada por fornecerem ferramentas que fazem convergir e integrar diferentes meios, na combinatória entre imagem, som e escrita, que caracteriza as hipermídias. Um antigo desafio poderia ser atendido na resposta aos novos desafios advindos das tecnologias de comunicação².

Uma linha temporal

Orientadas pelos propósitos acima delineados e pelas condições emergentes, desde 2005 temos investido em um projeto pedagógico voltado para o ensino de Jornalismo em suas injunções com a crescente proliferação de imagens nas mídias digitais, sempre rearticulado conforme inovações que lhe correspondam. Como primeira medida, adotamos, então, procedimentos que recentemente se tornaram padrão nas instituições de ensino, a saber, a criação de *sites* para cada disciplina, com a disponibilização de cronograma de trabalhos e de textos digitalizados. Mas, concomitantemente, para cada disciplina foram criadas páginas utilizando a ferramenta de escrita colaborativa *mediawiki*³, espaço de trabalho, interlocução e produção para os alunos de graduação. Como *software* livre, concebido para administração de conteúdo em formato textual, a ferramenta *wiki* permite a produção coletiva, *per se* conectividade, em página que comporta espaço para discussão, produção textual (em forma escrita, imagética e sonora), e registro do histórico das edições. Além disso, é de natureza hipertextual, a saber, propensa à instalação de *links* variados, permitindo o trânsito entre diversos espaços da internet e a potencialização dos conteúdos e formas nela reunidos.

Em 2005, os alunos ingressantes ainda não tinham contato com a mídia *wiki* e, portanto, pouca compreensão das variadas possibilidades criativas, sobretudo com a inserção de imagens. De acordo com a concepção de texto que nos tem orientado, concepção ligada às propostas de Roland Barthes e Umberto Eco, o leitor tem um papel proeminente

nas produções de sentido e este último é determinado, afinal, pelo que é escrito sobre o texto original, ou seja, pelo estabelecimento de um novo texto, conforme o tempo e o lugar, criando um sentido hegemônico atribuído ao primeiro como sua emanção natural. Esta compreensão aproxima-se do que tem sido discutido, atualmente, em termos de interação e multimodalidade na criação narrativa, como pode ser visto nos trabalhos de Christy Dena, Mark Warshaw, Robert Pratten, Ruth Page, entre outros. O trabalho de Jenkins, embora não seja focado na narrativa, aborda o papel dos fãs na construção de narrativas, referindo-se, entre muitos, aos fãs das histórias de Harry Potter, escritas por J. K. Rowling. Eles são os que se adaptam o mais rapidamente a novas tecnologias midiáticas e os mais ativos em escrita participativa.

Considerando esses aspectos, a abordagem metodológica para o *site wiki* foi baseada na liberdade de criação dos alunos, ou seja, eles poderiam escolher qualquer forma de colaboração entre si, assim como qualquer forma de construção textual, contanto que fosse relacionada aos conteúdos teóricos da disciplina. De modo surpreendente, assim que os *autores* começaram a se organizar tendo em vista uma produção participativa, teve início o questionamento sobre o direito que teria qualquer colega, ou qualquer um fora da classe, de interferir e mudar suas produções textuais.

O resultado, como pode ser visto nas páginas seguintes, foi uma produção plana, bastante calcada no esquema de textos escritos, com poucos recursos visuais. No entanto, já nesse primeiro contato foi feito excelente uso da rede, aproveitando-a no plano investigativo, razão pela qual uma rede de *links* pode ser estabelecida.





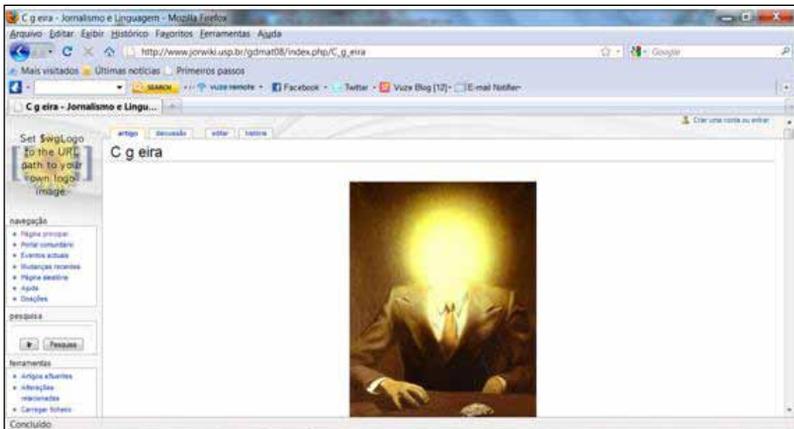
No ano seguinte, primeiro semestre de 2006, propusemos, como metodologia de ensino aplicada, a organização da classe em grupos de três ou quatro alunos, para facilitar uma possível avaliação de seus trabalhos e também para facilitar suas ações em relação à produção. No segundo semestre, foi solicitada a produção individual de textos, procedimento que forneceria meios de comparar a produção em grupo com a individual e, ao mesmo tempo, satisfaria a preferência dos alunos por esse último tipo de produção. A questão sobre os limites de interferência nos textos ficou resolvida com o acordo de que cada grupo modificaria o trabalho de outro somente depois de anunciar essa intenção, e obter consentimento para tanto. Grosso modo, a produção continuou com o mesmo teor da de 2005. Só em 2007 pudemos ver alguma mudança: expansão dos *links* e inserção de imagens, frequentemente em posição destacada do texto, confirmando uma tendência antes ressaltada e a proeminência que estas alcançariam nos anos seguintes nas redes digitais.



Nesse momento, ainda inicial, notamos uma diferença algo espantosa em relação a nossos pressupostos. Pensávamos que o trabalho em grupo e os *links* para as páginas dos colegas, sempre que houvesse cruzamento temático, fossem contribuir para a riqueza, aproveitamento da diversificação de meios e criatividade, o que se confirmou quanto ao aproveitamentos dos alunos. No entanto, como pode ser visto no exemplo acima, o trabalho coletivo se mostrou mais esquemático e simples, talvez porque os membros do grupo dividissem as tarefas de modo linear, em vez de trabalhar em concomitância no texto conjunto. Paradoxalmente, apenas no trabalho individual a criatividade toma maior fôlego e produz articulações inusitadas. O trabalho individual foi orientado, muitas vezes, por criações postadas em *blogs* pessoais e depois transpostas para a página *wiki*, sobretudo em relação a imagens que os alunos começaram a compor, recorrendo por conta própria a outros processadores. A partir de 2008, constatamos uma explosão de imagens, tanto no trabalho de grupo quanto no trabalho individual. Houve momentos em que, antes de enunciar qualquer outro elemento, o trabalho começava com a colocação de uma imagem, às vezes até antes do título, apontando para transformações na relação texto-imagem e nas linguagens híbridas nas mídias digitais.



No quadro abaixo, há exemplo de um tipo de progressão em que o texto passa a ter o tratamento da imagem, e o autor brinca com pontos cegos na palavra *cegueira*.



O quadro acima apresenta um trabalho individual desenvolvido em 2009. A precedência da imagem, compreendida agora em todas as suas possibilidades, se instala com força, destacando as possibilidades vislumbradas pelos autores, já que, nesse momento, muitos alunos ingressantes apresentavam certa familiaridade com as novas mídias, conheciam a mídia *wiki* (principalmente por meio da Wikipédia), disponibilizavam vídeos no YouTube e fotografias em *sites* específicos, além de experimentarem a vivência em rede, uma vez que mantinham seus próprios espaços em *blogs* variados e redes sociais como Orkut e Facebook.

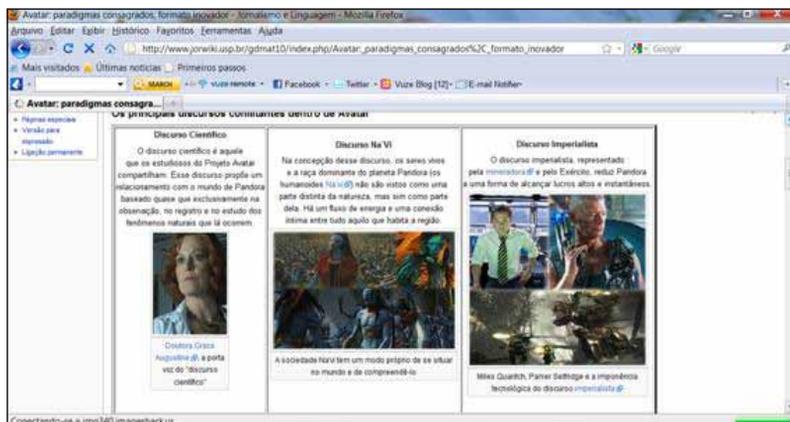
Desde o início dessa atividade, havíamos proposto a redação de pequeno parágrafo ao final dos semestres, por cada aluno, sobre sua experiência *wiki*. No começo, quando o oferecimento de página *wiki* era uma grande novidade, as manifestações foram entusiásticas, denotando surpresa. Posteriormente e até hoje, quando esses meios se

tornaram mais popularizados, há manifestação de satisfação por vê-los implantados em sala de aula e por poder neles construir seu trabalho final, com a imensa liberdade por eles possibilitada, situação alinhada à liberdade que eles podem experimentar com a busca e conexão na incomensurável *web*.

Depois de cinco anos nos quais mantivemos a mesma organização, grupos no primeiro semestre e trabalho individual no segundo semestre, com livre escolha de temas relacionados ao estudo de teorias da linguagem, no ano de 2010 propusemos a delimitação de um assunto comum a todos os grupos, a ser explorado por algum dos conceitos teóricos examinados em classe, e com livre escolha de perspectiva quanto às fontes e às produções midiáticas. O tema escolhido foi *Avatar* (Estados Unidos, 2009), então recente sucesso nos cinemas, dirigido por James Cameron. Com isso, pudemos perceber algumas diferenças na construção da página *wiki*.

Com a concentração em um mesmo tema, ainda que mantida a liberdade de escolha quanto aos meios de exposição e aos focos de exploração, houve muito mais conectividade entre alunos, provavelmente em virtude de repertório comum, já que o filme era assunto do presente tanto nas mídias tradicionais como na própria rede digital. Ao mesmo tempo, houve também mais conectividade entre os grupos, em virtude desse envolvimento com um tema comum, que remeteram, pelos *links* internos, seus trabalhos aos trabalhos dos demais grupos. A parte textual esteve em equilíbrio com a parte ocupada por imagens, ou seja, o texto escrito já não era mais o único referencial para a construção do trabalho, e as imagens já não eram nem precedentes e nem majoritárias. Quanto aos *links*, como dissemos, o número deles entre os trabalhos de grupo a grupo aumentou, e também o número de *links* externos, pois, como o tema dizia respeito a assunto de grande exposição na mídia, houve imensa oferta de dados e testemunhos recuperados da rede.

Nestes últimos quadros, podemos notar expansão em termos do uso da ferramenta, pois os autores recorreram a outras propriedades, para além da barra de menu do *site wiki*, por exemplo, com a construção de quadros e tabelas. Também aprenderam a importar propriedades de outros *softwares*, agregando-as ao *site wiki*. A partir dessas iniciativas, surgem imagens trabalhadas com molduras, inserção de legendas e, em boa parte dos casos, imagens mixadas ao texto escrito, ressaltando, uma vez mais, o caráter visual de tais produções.



Conectividade em agregação

Continuamos incorporando novos instrumentos, alguns trazidos por sugestão dos próprios alunos, entre eles redes sociais, *sites* de vídeos e fotografias, *blogs*. Prosseguimos com ações apontadas por Marc Prensky, como a metodologia contemporânea em conformidade com um panorama digital em que o estudante tornou-se também um professor. Nas interfaces entre imagem e texto – ou na percepção do texto *como* imagem –, tomamos contato com o aplicativo Prezi. com, percebendo, novamente, o potencial de conectividade que essa plataforma apresenta. Assim, acrescentamos essa possibilidade aos trabalhos, não só incentivando os alunos a usá-la com edição em grupo, mas também como proposta de reformulação do *site* de disciplinas em que os planos de aula foram construídos e apresentados por meio de pasta mantida no Prezi.





Prosseguimos, orientados pelo entendimento da conectividade como modo propício à expressão de criatividade e à elaboração de conhecimento, com proposta de colaboração efetiva com a Wikipédia. Os alunos ingressantes de 2011 encontram-se empenhados na construção de textos, fundados em ferramentas hipertextuais, que venham a contribuir concretamente para tópicos da Wikipédia relacionados à história da linguagem, discursos e efeitos, contrato midiático, interpretação e recepção, técnicas de análise de textos em comunicação, sujeito e inserção nos discursos, estrutura da notícia, identidade e representação social enquanto derivadas da inserção nos discursos circulantes e no cenário construído pelas mídias, entre outros.

Devemos observar, nesse momento, o retorno de uma velha questão. Quando propusemos o trabalho colaborativo com a Wikipédia,

a primeira questão levantada foi: qualquer pessoa *no mundo* poderá modificar nossa inserção lá? Claro que respondemos que fora de nossa especial e protegida página *wiki*, na realidade do universo virtual e da Wikipédia qualquer um, tanto quanto eles próprios, poderia e deveria contribuir para o refinamento e crescimento da informação como um princípio da era digital.

Por um jornalismo *wiki*

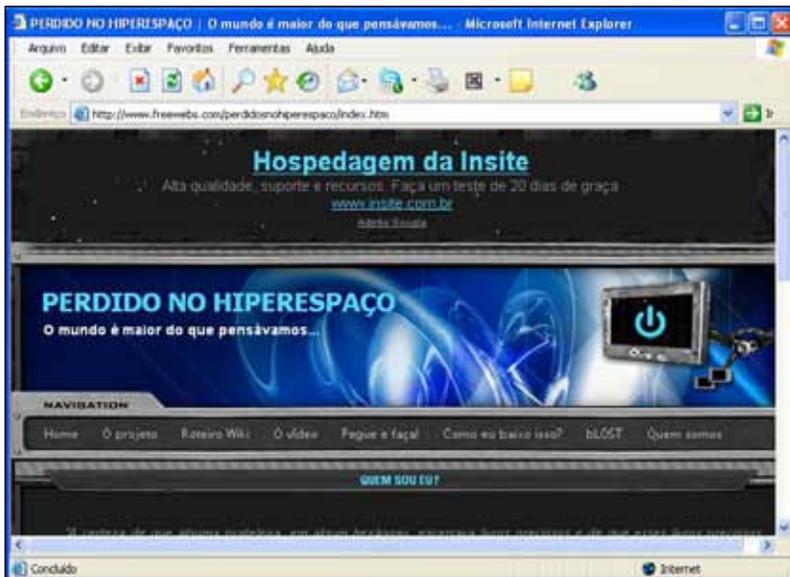
Com o surgimento da internet, entendemos que houve uma concentração de diversos modos de transmissão de informação, como a imagem, a palavra escrita, o som. Assim, permitindo que qualquer pessoa pudesse publicar opiniões e produtos intelectuais sem intermediação ou censura. Indicamos, com Negroponte, qual a característica desse movimento. “A estrada da informação se caracteriza pelo movimento, em nível global, de bits sem peso à velocidade da luz” (NEGROPONTE, 1995, p. 12). Podemos dizer que, nesse sentido, houve uma democratização tanto do acesso às ferramentas de expressão quanto do acesso ao conhecimento.

Consideramos que a abertura para a publicação de conteúdos se deu a partir de um padrão textual diferenciado. Com a internet, os horizontes se expandiram na instalação do chamado hipertexto. Através dele pode-se percorrer diversos tipos de informação que estão situados nos *sites wiki*, como vimos, através da forma combinada de texto, imagem, vídeo ou som, sem que haja um caminho preestabelecido, mas que o navegador, através de seu interesse, constrói. Dessa forma, quem organiza a informação final é o próprio internauta que percorreu todo o caminho dos *links* a ele propostos.

Em relação à produção de reportagens jornalísticas em formato *wiki*, proposta iniciada em 2006, destacamos os seguintes trabalhos: 1) o *site* www.bluwiki.org, em que o grupo desenvolveu um espaço virtual sobre o conceito de hipertexto e refletiu sobre a produção de um curta-metragem denominado *Perdido no hiperespaço* (roteirizado, produzido e filmado pelo grupo), disponibilizado no YouTube em momento ainda inicial de utilização deste *site* (que hoje se tornou uma imensa videoteca de imagens profissionais ou amadoras, dos mais variados matizes); 2) a criação do jogo hipertextual *Alone with the author*, em que o grupo construiu, utilizando um programa para criação de jogos digitais, um espaço interativo em que o usuário encontra diversos filósofos e pensadores, clássicos e contemporâneos, e estabelece um diálogo com seus conceitos e ideias; 3) o *site* “Biblioteca Personal”, uma biblioteca virtual em formato *wiki* na qual o usuário registra as leituras por ele

realizadas, estabelecendo ligações entre conceitos e autores; 4) o *blog* “Magos da linguagem”, em que por meio do uso de ferramenta *wiki* o usuário pode completar uma narrativa ficcional predeterminada a partir da atribuição de diferentes finais e combinações de partes; 5) o *site* “Na teia biográfica”, em que o grupo realizou uma biografia hipertextual não linear, combinando ferramentas de *blogs* e *wikis*, e problematizando, assim, o conceito de autoria e de identidade a partir de elementos textuais e narrativos; 6) o “Guia Cultural SP”, um guia de eventos da cidade de São Paulo em formato *wiki*, propiciando ao usuário que interaja com o conteúdo do *site* e sugira programações a partir de sua experiência; 7) o *site* “Ilha das flores – O retorno”, em formato híbrido de *blog* e *wiki* para realização de críticas de cinema em formato interativo e hipertextual.

Como primeira experiência realizada para diversificar os usos da ferramenta *wiki* nos trabalhos, destacamos destes hipertextos a variedade de aplicações e temas, e a problematização de aspectos ainda instigantes no que diz respeito à escrita em meio digital. Reproduzimos abaixo algumas de suas páginas a fim de exemplificar essa diversidade e originalidade.



http://bluwiki.com/go/O_Projeto



<http://bibliotecapersonal.pbwiki.com>

Podemos notar a variedade de propostas e a tentativa de estabelecer relações entre os conceitos na construção dos *sites*. Mais do que isso, os dois pontos nodais da ferramenta *wiki* – o uso de *links* nos textos, caracterizando uma escrita não linear, e a interatividade, caracterizando uma escrita coletiva – se fazem presentes não apenas na forma, mas também nos conteúdos. Nesse sentido, é importante ressaltar que a própria escolha do tema e das formas de desenvolvê-lo já estabelece essas diferenças, pois notamos entre os alunos a busca por trabalhar questões mais específicas e adequadas ao mundo virtual (como no caso do trabalho *Perdido no hiperespaço*, que não poderia ter sido feito em outro formato), ou ainda de retrabalhar temas já consagrados em outros meios (como no caso do trabalho *Na teia biográfica*, em que um campo estabelecido e tradicional no mundo dos textos impressos ganha novos desafios no mundo digital).

Dando sequência à produção jornalística, no primeiro semestre de 2007 aprimoramos a experiência de buscar formatos informativos com a utilização da ferramenta *wiki*, e pedimos aos alunos que produzissem uma *grande reportagem* nesse formato. Notamos um avanço significativo em relação à proposta do ano anterior, e também um excelente resultado nos trabalhos apresentados. Os alunos puderam, ao mesmo tempo, incorporar conceitos teóricos advindos das ciências da linguagem e explorar as várias

etapas de produção de uma reportagem jornalística, incluindo definição do tema, reunião de pauta, apuração, realização de entrevistas, redação, revisão, edição do texto, uso de imagens, legendas, citações. A preocupação com a diagramação e a necessidade de produzir um texto que utilizasse os formatos e gêneros de escrita jornalística integraram essa proposta, propiciando aos estudantes um contato mais direto com o jornalismo *on-line*.

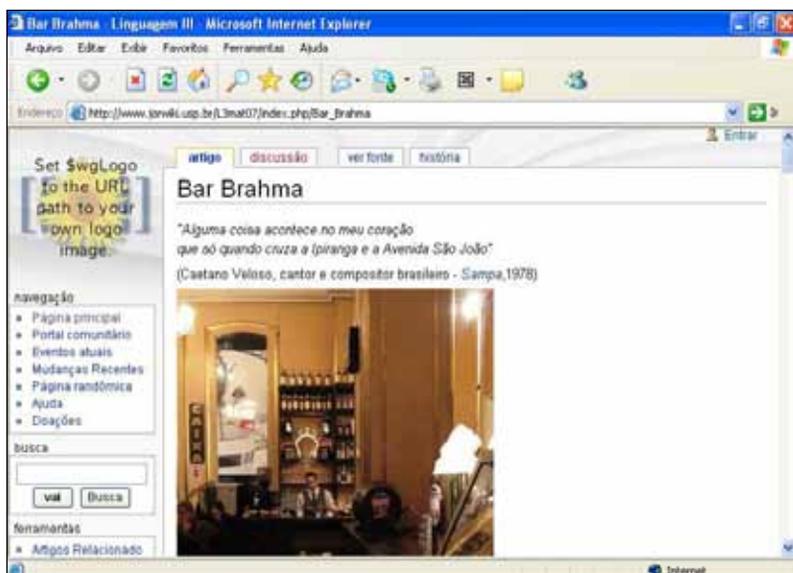
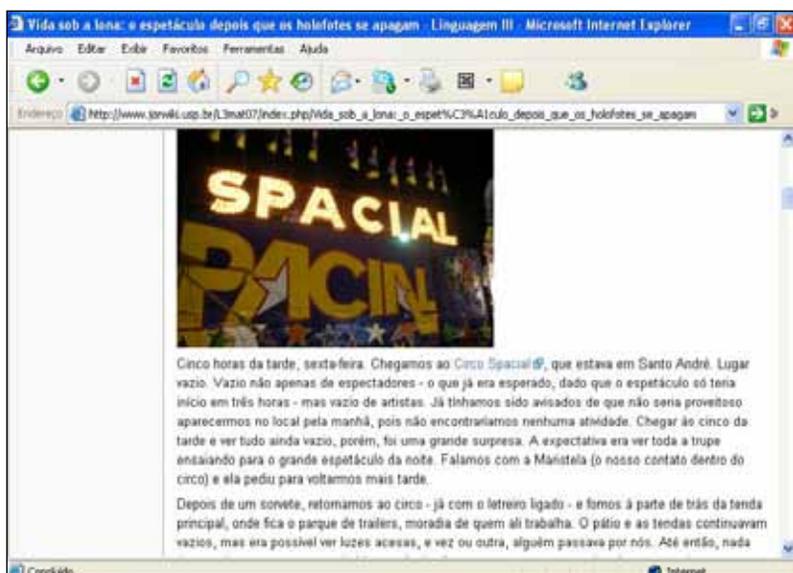
O trabalho consistiu na organização de grupos e na escolha de um tema livre para a grande reportagem, observando algumas características: abrangência e interesse, adequação ao meio digital, possibilidade de uso de *links* e de interatividade. Também foi ressaltado que a reportagem criada não poderia ser concebida nos mesmos moldes de veículos impressos ou televisuais, e sim explorando características próprias da ferramenta *wiki*, além de recursos multimidiáticos. A organização do grupo – que deveria pensar de forma conjunta cada etapa do trabalho, incluindo momentos de escrita coletiva e produção colaborativa dos textos – foi considerada fundamental para a execução da reportagem de forma não tradicional.

Os temas tratados refletem as escolhas realizadas, tanto em termos de diversidade como de atualidade. Entre eles, temos reportagens desenvolvidas sobre os seguintes temas: “Birigui” (a recuperação da história de um ex-aluno que foi enterrado no pátio da ECA-USP); “Brasil: país católico” (sobre a visita do papa e o crescimento das igrejas evangélicas); “Bar Brahma” (sobre a reinauguração e atual movimento neste tradicional bar da cidade de São Paulo); “O Museu da Pessoa” (um museu virtual que tem como objetivo documentar a vida de pessoas comuns e grupos sociais diversos); “Capital privado na universidade pública” (sobre a presença das fundações nas universidades públicas); “Vida sob a lona” (sobre os trabalhadores dos circos populares); “Cineclubes” (sobre a história e situação atual do cineclubismo).

Entre os estudantes do curso noturno, os temas tratados foram: “Um negócio quente: a capitalização do aquecimento global” (sobre questões ecológicas, econômicas, sociais e culturais em torno deste tema); “Cipó de almas: usos rituais da ayahuasca” (sobre os rituais envolvidos no uso da planta, especialmente no Santo Daime); “2007: o ano das sagas” (sobre os *blockbusters* e trilogias presentes nas estreias de cinema no ano de 2007); “Sexo pago” (sobre os *sites* de serviços de sexo oferecidos na internet); “Crônicas do esquecimento” (sobre personagens invisíveis do cotidiano das grandes cidades); “Eliza pode ser humana?” (sobre inteligência artificial e as relações entre humanos e computadores); “Catolicismo pop não consegue conter avanço neopentecostal” (sobre mudanças na Igreja Católica em função do crescimento das igrejas evangélicas). Apenas um tema, relacionado à Igreja Católica (2007 foi

ano de visita do papa ao Brasil) e ao crescimento das igrejas evangélicas (especialmente as pentecostais) foi escolhido por dois grupos distintos.

Reproduzimos abaixo algumas reportagens produzidas durante o primeiro semestre de 2007⁴. Notemos a preocupação em harmonizar forma e conteúdo, utilizar imagens e tabelas, e a presença de *hiperlinks* – tanto externos (indicados por uma seta para o alto) como internos (que direcionam o leitor para as páginas do *site*)⁵.



Brasil: país católico? - Linguagem III - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço http://www.jornal.usp.br/33na07/index.php?site_pais%3F%3Ade_cat%3F%3B3ko%3F

Set \$wglLogo to the URL path to your own logo image.

artigo discussão ver fonte história

Brasil: país católico?

A vinda do Papa Bento XVI ao Brasil, ocorrida entre os dias 9 e 13 de maio, movimentou a população e a mídia a refletir sobre o cenário religioso no país. Pesquisas apontam para uma estabilização do número de católicos, enquanto o número de evangélicos aumenta de modo expressivo. Os motivos implícitos para esse cenário são questionados e para melhor compreendê-lo, é necessário recorrer à própria história do cristianismo e da Igreja Católica no país, bem como o surgimento do movimento evangélico no Brasil.



navegação

- Página principal
- Portal comunitário
- Eventos atuais
- Mudanças Recentes
- Página randômica
- Ajuda
- Doações

busca

ferramentas

- Artigos relacionados

Concluído

Brasil: país católico? - Linguagem III - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço http://www.jornal.usp.br/33na07/index.php?site_pais%3F%3Ade_cat%3F%3B3ko%3F

Impressão

- Ligação permanente



Igreja Católica enfrenta desafios externos e internos no Brasil

Conteúdo [ocultar]

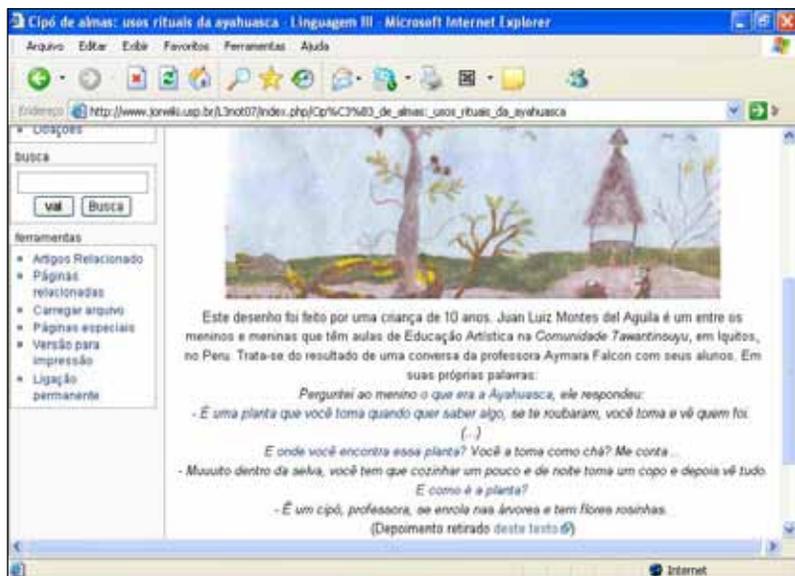
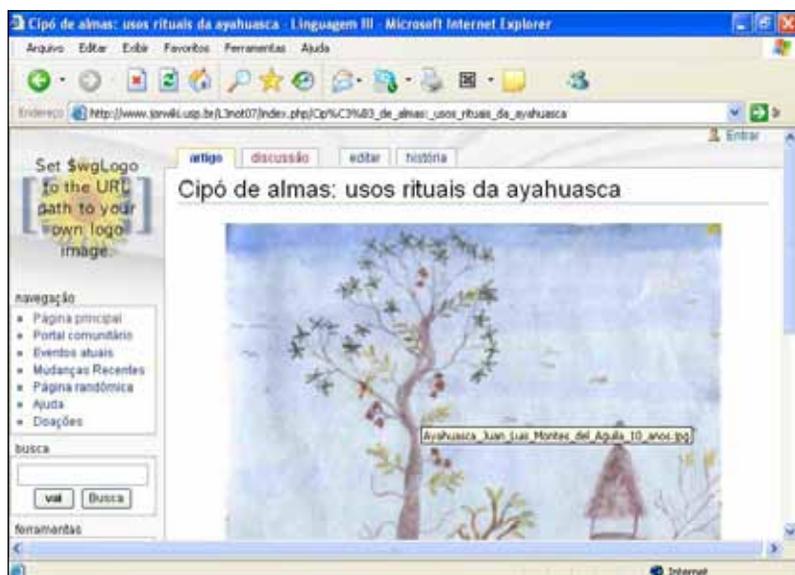
- 1 A gênese do cristianismo no Brasil
- 2 A mudança da fé
- 3 A visita de Bento XVI
- 4 Mídia e poder no catolicismo

A gênese do cristianismo no Brasil

Seis missionários da Companhia de Jesus chegaram em 1549 no Brasil, acompanhando o governador-geral Tomé de Souza. Durante os séculos XVI e XVII, o governo português procurou administrar uma série de conflitos entre jesuítas, colonos e índios. O Estado controlava as atividades eclesiais por meio do padroado, arcando com o sustento da Igreja e, em contrapartida, sendo reconhecido por ela por meio da obediência a seus dogmas.



Concluído

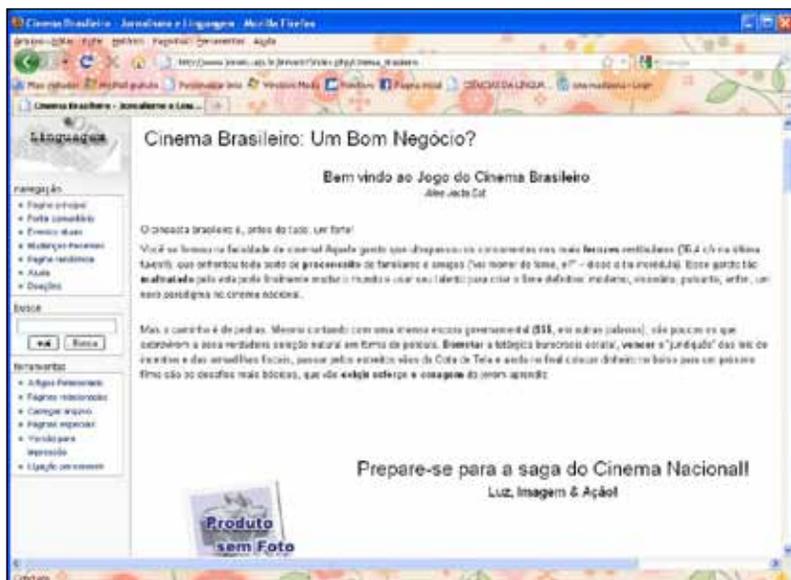


Em 2008, 2009 e 2010, a experiência de produzir reportagens em formato *wiki* passou a ser adensada, demonstrando uma sofisticação não apenas no uso da ferramenta, bem como na concepção das reportagens. Estas passaram a apresentar, cada vez mais, um caráter multimidiático, em consonância com transformações ocorridas na rede digital de computadores e nas concepções de jornalismo *on-line*. Nas escolhas dos

temas tratados, cada grupo de trabalho demonstra preocupação com o melhor modo de desenvolvê-los, além de contribuir para a reflexão sobre as possibilidades de um *jornalismo colaborativo e participativo*, voltado para as mídias digitais em seu sincretismo narrativo e discursivo (textos, imagens, sons, vídeos, entrevistas, ilustrações, entre outros). Nesse sentido, a questão da linguagem (relações entre texto e contexto, autor e leitor) e dos discursos como práticas sociais emergem nas criações.

Um dos aspectos singulares da produção jornalística dos últimos três anos em relação aos anteriores é, justamente, a busca por um estilo de escrita mais narrativo e liberto de constrições que muitas vezes aprisionam o texto jornalístico em modelos, e a indissociabilidade percebida entre imagem e texto. A ferramenta *wiki* e o estilo de *cada um* (ou de *todos*) possibilita grande liberdade aos textos, o que dá frescor à escrita e produz um efeito fundamental para aqueles que trabalham com a palavra: despertar o interesse do leitor e envolvê-lo em suas histórias, para que a escrita complemente-se na leitura. A variedade dos temas e enfoques; a estrutura das páginas-*wiki*, com suas inúmeras possibilidades de ir-e-voltar; a percepção de que os textos são planejados para o *wiki*, e não apenas inseridos no *site* a partir de outros aplicativos, mas desde sua concepção; a fluência na passagem entre *links* e páginas, demonstrando familiaridade com a ferramenta não apenas em seus usos, mas em seus modos de operação, constituem uma forma hipertextual e interativa que aponta para mudanças nos modos de concepção do jornalismo contemporâneo.

O que vemos surgir são reportagens hipermediáticas que não poderiam figurar em jornais, revistas ou *sites* tradicionais, desenhando novos contornos para o jornalismo *wiki* – não linear, dinâmico e inquieto. As possibilidades de troca de lugares entre autores e leitores, e o borramento entre as fronteiras do cotidiano e da imaginação, imprimem-se nos textos não apenas em termos temáticos, mas também estilísticos. Ainda assim, uma ausência recorrente se faz notar: a pouca presença de *personagens* nas reportagens, ao contrário de programas telejornalísticos e documentários. Essa uma lacuna a ser explorada, pois são estes, mais do que ideias e dados, que criam imagens vivas no leitor e provocam sua reflexão por lugares antes desconhecidos.



As reportagens produzidas em 2008 encontram-se disponíveis nos sites:

<<http://www.jorwiki.usp.br/linmat07>> e <<http://www.jorwiki.usp.br/linnot07>>.



As reportagens produzidas em 2009 encontram-se disponíveis nos sites:

<<http://www.jorwiki.usp.br/gdmat08>> e <<http://www.jorwiki.usp.br/gdnot08>>

Alguns apontamentos finais

Os trajetos percorridos na produção textual digital e *on-line* retomam aspectos apontados por Pierre Lévy, ao afirmar que os caminhos abertos pelo hipertexto são aqueles do encontro de uma significação: “O hipertexto pode ser uma metáfora que vale por todas as esferas da realidade onde a questão da significação está em jogo” (LÉVY, 1996, p. 29). Desse modo, podemos pensar que o termo hipertexto, em seu prefixo *hyper*, relaciona-se à tentativa de abranger o maior número de informações possível e interligá-las através de *links* proporcionando uma noção de totalidade. Dessa forma, supomos que o acesso à *web* fez crescer o volume de informação na internet.

A profusão de textos na *web* estimulou o desenvolvimento de ferramentas voltadas à produção textual coletiva, bem como a sua publicação de maneira imediata. Nesse sentido, a ferramenta *wiki* possibilita o acesso fácil à publicação de informação, permitindo armazenamento do texto ao mesmo tempo em que o torna disponível *on-line* para leitura e modificação, além de interligá-lo a outros textos de forma flexível e simples. Tais características são destacadas quando observamos a produção textual *wiki* aplicada ao ambiente educacional, propiciando formas de interação dinâmica na produção de textos, já que o *wiki* resume, em si, algumas das principais possibilidades oferecidas pelo meio digital, a saber: a publicação de conteúdos com menor ou sem restrição de espaço, a alteração desses mesmos conteúdos com rapidez e a ampliação do número de possíveis autores.

Consideramos, portanto, que essa ferramenta seja um novo passo na evolução da internet porque com ela os usuários passam a ser, ao mesmo tempo, autores, editores e leitores, permitindo a fusão da livre divulgação e do acesso à informação com o hipertexto. O primeiro ocorre porque qualquer pessoa que acessar esse *site* pode publicar um texto, ler o que já foi escrito por outras pessoas e, eventualmente, intervir nos textos que estão disponíveis. Ressaltamos que não existe um gerenciador da qualidade do texto, apenas os próprios usuários, que interagem entre si. O segundo acontece quando se utiliza os *links* disponíveis nos textos para chegar a outro tipo de informação que se deseja, construindo assim um caminho que resulta num texto totalmente diferente do original.

Elizabeth Albricht, em artigo para a revista americana *Communications research update*, indica um dos interesses para o estudo da ferramenta *wiki*: “Enquanto há uma gama de ferramentas colaborativas disponíveis hoje, o que faz o *wiki* interessante, e faz dele um candidato forte para pesquisas, é que ele é a mais aberta das

ferramentas, possibilitando que uma pessoa altere o conteúdo da outra em questão de segundos”⁶ (ALBRICHT, 2006, tradução das autoras). Dessa forma consideramos que o *wiki* representa uma revolução na relação com o texto e uma série de possibilidades de uso, inclusive como ferramenta auxiliar ao ensino, como propomos desenvolver neste artigo.

A partir de um debate sobre jornalismo e imagem em mídias digitais, os diferentes discursos jornalísticos atuais, e as singularidades de sua produção verbal e visual, os seguintes aspectos se colocam como pontos de interseção entre teoria e prática: o discurso jornalístico e as práticas midiáticas; o campo da argumentação como produção de sentido; as relações entre linguagem e lógica, retórica e dialética; as especificidades do fazer jornalístico; os limites e possibilidades de uma crítica das mídias; os procedimentos presentes nas formas de argumentação jornalística; a aplicação desses conceitos na crítica da cobertura midiática.

Nesse sentido, os trabalhos desenvolvidos ampliam os objetivos anteriormente apresentados por evidenciar, na prática jornalística (discursos), a intrínseca relação entre texto e imagem; os procedimentos argumentativos determinantes de sua organização; introduzir questões relativas ao conceito e aos métodos da argumentação em suas relações com o discurso; e estabelecer relações entre as ciências da linguagem e as práticas discursivas jornalísticas por meio de uma abordagem crítica das produções midiáticas contemporâneas.

Outro questionamento merece ser destacado: por que o texto jornalístico é aquele que mais gera resistência quando se trata da manutenção de uma autoria única – personificada no jornalista, na *assinatura* do texto – e também em relação a posteriores modificações no texto por outros autores? Em primeiro lugar, acreditamos que mesmo trabalhando com uma ferramenta diferenciada, os alunos ainda agregam em seu uso costumes e vícios dos editores de texto convencionais. Ao construir um texto supostamente *completo* e *fechado*, não apenas reproduzem a cultura do texto impresso e estático, mas também se firmam como autores unívocos desse texto. Ou seja, a ferramenta funciona mais como facilitadora de uma escrita ainda tributária de um modo de concepção e de criação textual linear, exacerbado quando se trata de textos jornalísticos, sem expandir as possibilidades vislumbradas em textos ensaísticos.

Tal radicalismo, se podemos chamá-lo assim, deve-se em grande parte à própria definição do fazer jornalístico e alguns mitos que compõem sua prática, entre eles: que a credibilidade vem do jornalista, e não da

instituição jornalística; que o jornalista, assim como o escritor literário, é dotado de um estilo próprio, de um *texto* que precisa ser reconhecido como seu; que a objetividade jornalística (também ela um mito) pressupõe a acuidade e o caráter definitivo de suas informações; que um único texto pode esgotar todas as facetas de um dado assunto. É curioso observar que, ao contrário, a produção de grandes reportagens, especialmente as televisivas, como também aquelas veiculadas em produtos impressos, sobretudo revistas e algumas matérias de jornais, é uma atribuição fundamentalmente coletiva. Hoje, mais do que antes, a personalização na figura do repórter se faz a despeito desse caráter de grupo que as etapas de apuração, entrevista, redação, revisão, edição, checagem de dados, características do jornalismo de grande mídia, anunciam.

O trajeto em torno do ensino de Jornalismo tem sido um longo percurso de aprendizado e experimentação com as novas ferramentas. Vimos com os trabalhos no *site wiki* a expansão, o exagero, e depois uma acomodação equilibrada entre diversos suportes utilizados, assim como a constante incorporação de novidades, pelos próprios alunos, que fomos reverberando, passo a passo, sempre que condissesse com nossa orientação pela conectividade possível.

Pensamos que essa longa cadeia nos conduziu à proposição de que o trabalho em particular no *site wiki* contemplasse futura inserção em algum tópico da Wikipédia, relacionado com os conteúdos das disciplinas, a ser refinado. Com isso, é como se uma cadeia de conectividade se completasse e passasse a servir não somente às dinâmicas de ensino e aprendizagem, mas também à rede digital em seu crescimento informacional.

| NOTAS

- 1 Artigo desenvolvido a partir de apresentação no Congresso da International Association for Media and Communication Research – IAMCR (Istambul/Turquia, julho de 2011), no grupo temático Media Education Research
- 2 Diversos pesquisadores brasileiros têm se dedicado ao estudo dessa temática e aspectos a ela correlatos. Dentre eles, citamos, especialmente, os seguintes trabalhos: PRIMO, & RECUERO, 2006; LEÃO, 1999; PARENTE, 1993
- 3 Disponível em: <<http://www.mediawiki.org/wiki/MediaWiki>>. Além desta

ferramenta, também estão disponíveis para uso gratuito:
<www.wikispaces.com> e <www.pbwiki.com>

- 4 Os *links* para acesso aos textos encontram-se em: <www.jorwiki.usp.br/L3mat07> (matutino) e <www.jorwiki.usp.br/L3not07> (noturno), no tópico Ciências da Linguagem III
- 5 Os endereços completos dos *sites* wiki desenvolvidos de 2005 a 2010 podem ser acessados em: <http://midiato.wordpress.com/disciplinas/producao-alunos-wiki/>
- 6 “*While there are a plethora of collaborative tools and technologies available today, what makes the wiki so interesting, and such a good candidate for research studies, is that it is the most radically open of all tools, enabling anyone to change anyone else’s content in mere seconds*” (ALBRICHT, 2006)

I BIBLIOGRAFIA

ALBRYCHT, Elizabeth. “Thinking about Wikis”. In: **New Communications Review**. Disponível em: <http://www.newcommblogzine.com/?p=408>. Acesso em: 20 fev. 2006.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOLTER, J. D. & GRUSIN, R. **Remediation: Understanding New Media**. Cambridge: MIT Press, 1999.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ECO, U. **Lector in fabula**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FINGLETON, T., DENA, C. & WILSON, J. **The writer’s Guide to Making a Digital Living**, 2008. Disponível em: <http://www.australiacouncil.gov.au/writersguide>

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.

GANS, H. **Democracy and the News**. New York: Oxford University Press, 2003.

HJELMSLEV, L. **Prolegomènes à une théorie du langage**. Paris: Minuit, 1971.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2008.

_____. **Fans, Bloggers, and Gamers: Exploring Participatory Culture**. New York: New York University Press, 2006.

LEUF, B. & CUNNINGHAM, W. **The Wiki Way: Quick Collaboration on the Web**. Addison-Wesley, 2001.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **O que é o virtual?** Rio de Janeiro: 34, 1996.

MAIER, P. & Warren, A. **Integrating Technology in Learning and Teaching**. London: Kogan Page, 2000.

MANOVICH, L. **The Language of New Media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MURRAY, J. H. **Hamlet no Holodeck. O futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Itaú Cultural/Unesp, 2003.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAGE, R. **New Perspectives on Narrative and Multimodality**. London: Routledge, 2009.

PRATTEN, Robert. Disponível em <<http://www.imdb.com/name/nm1319883/>>

PRENSKY, M. **Teaching Digital Natives – Partnering for Real Learning**. London: Corwin, 2010.

SCHUDSON, M. “Creating public knowledge”. **Media Studies Journal**. V. 9, n. 3. New York: Columbia University, 1995.

WARSHOW, Mark. **Entrevista**. Disponível em: <<http://www.lotsofinterviews.com/#/interviewmark-warshaw/4533682162>>

WERTHEIM, M. **Uma história do espaço. De Dante à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Webgrafia

Brasil Wiki: <<http://www.brasilwiki.com.br/>>

Centro de Mídia Independente: <<http://www.midiaindependente.org/>>

Ohmynews: <<http://english.ohmynews.com/>>

Slashdot: <<http://slashdot.org/>>

Webinsider: <<http://webinsider.uol.com.br/>>

Wiki History. WikiWikiWeb: <<http://c2.com/cgi/wiki?WikiHistory>>

Wiki Notícias: <http://pt.wikinews.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>

Mayra Rodrigues Gomes é professora titular no Departamento de Jornalismo e Editoração e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP.

E-mail: mayragomes@usp.br

Rosana de Lima Soares é professora doutora no Departamento de Jornalismo e Editoração e no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da USP.

E-mail: rolima@usp.br